

AGORA : DA 'DEIXIS' TEMPORAL À ARGUMENTAÇÃO *

0. Pretendemos neste trabalho observar os valores temporais e não temporais de **agora**. À semelhança do que sucede com outros advérbios de tempo¹, os usos deste morfema, designadamente os conversacionais, extravasam da simples referência temporal, adquirindo diversos valores no discurso de entre os quais se destacam os que designaremos, na esteira de autores como Perelman², Grize³ e Ducrot⁴, por *usos argumentativos*.

Ao distinguirmos valores temporais e não temporais, queremos partir de uma hipótese explicativa segundo a qual existe uma dimensão significativa básica comum à diversidade destes usos, pelo que procuraremos apresentar sugestões para uma descrição unificada desses valores. Por outro lado, não julgamos adequado repartir rigidamente os usos de **agora** por duas classes. Cremos que, a par da existência de usos mais marcadamente temporais e de outros predominantemente argumentativos, a vasta maioria possui estes valores cumulativamente, cabendo ao contexto activar qualquer deles em maior ou menor grau.

* Investigação realizada no âmbito do projecto II A/88, do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Agradeço as observações feitas por Fátima Oliveira e António Franco a uma primeira versão deste trabalho.

¹ Cf. nosso estudo *Semântica e pragmática de 'já', 'ainda', 'já não' e 'ainda não'*, Porto, Faculdade de Letras, 1986 [dissert. de Mestrado].

² Cf. PERELMAN, C. — *Logique formelle et argumentation*, in BANGE, P. et al. — *Logique, Argumentation, Conversation*, Berna, Peter Lang, 1983, pp. 167-75.

³ Cf. GRIZE, J.-B. — *Matériaux pour une logique naturelle*, Universidade de Neuchâtel, caderno n.º 29 do «Centre de Recherches Sémiologiques», 1976.

⁴ Cf. DUCROT, O. — *Les mots du discours*, Paris, Minuit, 1980; ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. — *L'argumentation dans la langue*, Bruxelles, P. Mardaga, 1983.

1. A característica de **agora** mais evidente e mais amplamente comentada pela linguística é a sua *dicticidade*⁵, isto é, a sua capacidade de associar exoforicamente a referência temporal de um enunciado ao intervalo de enunciação (Ie). O correspondente endofórico (anafórico) de **agora** é **então**, sendo estes advérbios marcadores de dois modos distintos de organizar o discurso⁶. Ao analisarmos as propriedades temporais de **agora**, pretendemos investigar de modo mais aprofundado aspectos que ultrapassam a sua simples caracterização como dístico temporal. Referimo-nos a aspectos tais como a relação que o intervalo de tempo denotado pelo advérbio (Ia) estabelece com Ie, a articulação de Ia com os tempos passado e futuro, bem como a natureza implicatural dessa articulação.

1.1. É frequente descrever o intervalo denotado por **agora** como estando contido ou contendo o intervalo de enunciação⁷, isto é, de alguma forma coincidindo ambos. Para melhor caracterizarmos a relação entre os dois intervalos convém distinguir duas situações distintas: em primeiro lugar, o funcionamento de **agora** como um *ponto de referência temporal*⁸ contido em Ie, a partir do qual se estabelecem localizações no tempo; em segundo lugar, o funcionamento deste advérbio como um intervalo de tempo que pode possuir maior ou menor amplitude, sendo as suas fronteiras determinadas contextualmente.

⁵ Eu, aqui e **agora** constituem, como é sabido, as coordenadas básicas de qualquer situação de enunciação (cf. v.g. LYONS, J. — *Semantics*, 2.º vol., Cambridge, Cambridge University Press, 1977, p. 63). Contudo, Comrie (COMRIE, B. — *Tense*, Cambridge, Cambridge University Press, 1985, p. 15) chama a atenção para o facto de a 'deixis' temporal possuir assinaláveis diferenças relativamente à 'deixis' espacial, designadamente o facto de «aqui» se opor a um «não-aqui» que se constitui como uma área contínua, ao invés do «não-agora» que é uma área descontínua. Efectivamente, há importantes diferenças entre a referência ao passado e ao futuro, tempos muito distintos quer ontológica quer cognitivamente.

⁶ Cf. a este respeito os comentários de F. I. Fonseca (FONSECA, F. I. — *O perfeito e o Pretérito e a teoria dos níveis de enunciação*, in «Biblos», vol. LVIII, Coimbra, 1982, pp. 75-97).

⁷ Cf. MIRA MATEUS, M. H. et al. — *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina, 1983, pp. 111-3: «[...] **agora** é o nome de Ie» (p. 111).

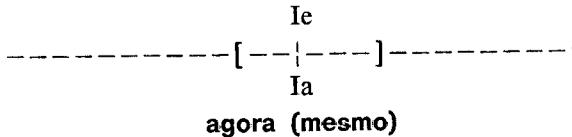
⁸ Consideramos um ponto de referência temporal como derivado de um intervalo de tempo (portanto, um intervalo degenerado do tipo [t', t']). Cf. BENNETT, M.; PARTEE, B. — *Toward the Logic of Tense and Aspect in English*, Indiana Linguistics Club, 1978.

AGORA: DA 'DEIXIS' TEMPORAL

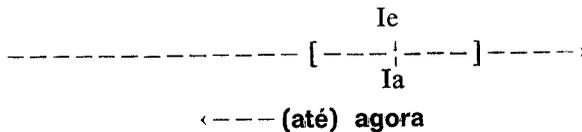
Observem-se os seguintes enunciados:

- (1) «*Estamos agora mesmo de saída para o funeral do jovem.*» (Correio da Manhã 15/5/88);
- (2) «*Até agora, não houve critérios claros para dizer quem pode ir.*» (Diário de Notícias 3/5/88);
- (3) «*As agências de trabalho começam agora a ganhar expressão em Portugal.*» (Diário de Notícias 3/5/88).

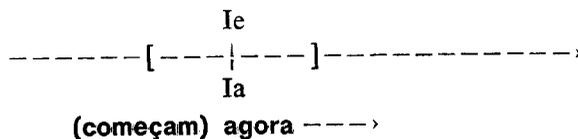
Vemos aqui exemplificada a função a que chamámos de localização temporal de **agora**. No primeiro enunciado, a perspectiva temporal do advérbio incide sobre o próprio intervalo de enunciação. A simultaneidade da referência temporal do advérbio com o tempo da enunciação é intensificada neste caso por **mesmo**, e podemos representar este valor num diagrama como o seguinte:



No segundo enunciado, o valor de **agora** é marcadamente *retrospectivo*, funcionando como um ponto de referência (*terminus ad quem*) a partir do qual uma situação pretérita é avaliada. Podemos representar este valor da seguinte forma:



Pelo contrário, o valor no terceiro enunciado é *prospectivo* (*terminus a quo*), assinalado contextualmente pelo auxiliar aspectual **começar**, e que podemos representar como segue:



Noutros casos ainda, a intersecção de Ia com o intervalo de enunciação é nula, situando-se Ia antes ou depois de Ie:

- (7) Fui **agora** visitar um amigo.
- (8) Parto **agora** para Londres.

Contudo, o intervalo denotado por **agora**, sendo embora disjuncto, tem de pertencer à *vizinhança* do intervalo de enunciação, o que resulta num efeito de *passado recente* ou de *futuro próximo*⁹.

Vemos, pois, que as fronteiras de **agora** são bastante fluidas, cabendo ao contexto determinar-lhes a sua mais exacta localização¹⁰.

2. O funcionamento de **agora** no modo de enunciação narrativo apresenta características particulares. Este modo de enunciação caracteriza-se pela «ausência de **eu** e **tu**, e de advérbios temporais e de lugar dísticos»¹¹. Contudo, à semelhança do que Roher observou para o francês¹², também **agora** se encontra em textos narrativos do passado, figurando em combinatórias com quase todos os pretéritos¹³. Consideraremos este aspecto do funcionamento de **agora** em simultâneo com a questão da sua referência rígida ao intervalo de enunciação¹⁴.

⁹ Cf. VET observa que **maintenant** não se combina com o 'passé récent'. Cf. VET, C. — *Temps, aspects et adverbos de temps en français contemporain*, Genève, Droz, 1980, p. 97.

¹⁰ Cf. a observação de Jespersen: «In practice, **now** means a time with appreciable duration, the length of which varies greatly accordingly to circumstances» (JESPERSEN, O. — *The Philosophy of Grammar*, Londres, Allen & Unwin, 1923, p. 258).

¹¹ Cf. MIRA MATEUS, M. H. et al., *op. cit.*, p. 111.

¹² Cf. ROHRER, C. — *L'analyse des temps du verbe dans un texte narratif*, in «Actes du XVIIe. Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes», vol. n.º 4, Universidade de Provence, 1986, pp. 439-452.

¹³ Há em francês uma incompatibilidade de **maintenant** com o 'passé simple'.

¹⁴ Um designador rígido é por definição uma intensão que selecciona sempre a mesma extensão em qualquer mundo possível. Contudo, Barbara Partee observa que uma definição nestes termos enfrenta severas restrições a nível cognitivo, pelo que defende o seguinte ponto de vista: «The intension is a rigid designator, while the psychological representation is probably more like an incomplete and possibly incorrect definite description, or a partial algorithm for picking out the referent across times and worlds by qualitative character».

2.1. Começemos por observar o seguinte enunciado:

- (9) *Camões [regressou/ regressava/ regressara/ tinha regressado] à pátria para agora experimentar a sua ingratidão.*

É óbvio que neste caso a referência de **agora** não é ao intervalo de enunciação, mas ao intervalo relativo à situação «Camões regressar à pátria». Enunciados deste tipo problematizam a concepção deste advérbio como um *designador rígido*¹⁴, como em princípio sustenta F. Nef para o francês¹⁵:

«[**maintenant**] réfère quel que soit le contexte enchâssé au moment de l'énonciation, de la même manière que le nom propre réfère au même individu dans tous les mondes possibles.»¹⁶

Contudo, ao observar o comportamento deste advérbio em concorrência com o 'imparfait', Nef matiza a afirmação anterior, concluindo que

«[...] la rigidité de **maintenant** n'est pas liée à la référence de cet adverbe à t0 [...]. Cependant, il faut prendre garde de bien voir que la rigidité [...] est conservée, puisque cet adverbe réfère alors à un moment qui est fixé de manière rigide par l'imparfait.»¹⁷

Assim, a única excepção do funcionamento de **maintenant** como designador rígido do intervalo de enunciação encontra-se nas combinatórias deste advérbio com o imperfeito. Quando se trata de estabelecer a referência temporal relativamente a um intervalo fixado por outro elemento temporal da frase, usar-se-á o anafórico **alors**.

ristics.» (Cf. PARTEE, B. — *Semantics — Mathematics or Psychology?*, in BAURLE, R. et al. (eds.) — *Semantics from Different Points of View*, Berlin, Springer, 1979, pp. 1-14). O carácter *rígido* de **agora** só pode ser entendido nestes termos, a nosso ver.

¹⁵ Cf. NEF, F. — *Sémantique de la référence temporelle en français moderne*, Bern, Peter Lang, 1986.

¹⁶ *Ibidem*, p. 195.

¹⁷ *Ibidem*, p. 195.

2.2. Cremos que esta hipótese, correcta no essencial, carece todavia de ser complementada por algumas observações quando aplicada ao português, dada a possibilidade de combinatória de **agora** com todos os pretéritos. Aliás, mesmo em francês supomos que uma observação mais extensiva resultaria na verificação da possibilidade de distribuição de **maintenant** com outros pretéritos além do 'imparfait', sem que este advérbio se refira a Ie.

Observemos os seguintes enunciados:

- (10) *Em 1910 era proclamada a República. **Agora** o País ia atravessar um período de profundas convulsões políticas.*
- (11) *Em 1910 [foi/ era/ tinha sido] proclamada a República. Passado apenas quatro anos, eclodia a Grande Guerra, e **agora** as atenções do País concentravam-se nas trincheiras franco-alemãs.*

No enunciado (10) o advérbio funciona como *terminus a quo* de um intervalo de tempo que não se reporta ao intervalo de enunciação mas à data fixada pelo adverbial «em 1910». Note-se que é neste caso perfeitamente possível substituir **agora** por um anafórico (**a partir de então**, **a partir desse momento**, etc.), verificando-se o mesmo com o enunciado (11), em que **agora** tem por referência o intervalo denotado por **eclodia**. A opção entre a utilização da forma dística em vez da anafórica, como seria em princípio mais natural esperar, não se prende com a questão da referência temporal, mas com a perspectiva adoptada pelo enunciador na narração. Isto é, a selecção do advérbio dístico pode ser estabelecida, não em função de determinações temporais da frase (como, por exemplo, combinações de tempos com advérbios e locuções temporais), mas como resultado de um valor pragmático que o enunciador decide atribuir ao enunciado.

2.3. Cremos que é neste sentido que podemos interpretar as observações de Rohrer¹⁸ sobre a diferença de sentido verificada em enunciados como os seguintes (que adaptamos para o português):

¹⁸ Cf. ROHRER, C., *art. cit.*

- (12) *Um a um, os deputados abandonaram o hemiciclo. Nesse momento, não havia mais de vinte pessoas na sala.*
- (13) *Um a um, os deputados abandonaram o hemiciclo. Agora, não havia mais de vinte pessoas na sala.*

A ocorrência do dístico temporal em enunciados como (13) é explicada por Rohrer pelo facto de este advérbio possuir, em acréscimo à sua função de localizador temporal, uma dimensão significativa a que Rohrer chama *perspectiva temporal*. Assim, a diferença entre (12 e (13) não é uma questão de *referência temporal* mas de *perspectiva* temporal: em (12) a situação é avaliada a partir do presente, mas em (13) o enunciador estabelece como presente o intervalo (pretérito) denotado pelos tempos verbais, avaliando a situação a partir desse ponto de referência. Diríamos que não é só a «deixis» de tempo que intervém neste caso, mas também a de *pessoa* — do *eu* do enunciador e do *tu* enunciatário, sendo o segundo instruído pelo primeiro a avaliar a situação a partir dessa perspectiva.

Podemos assim concluir que a utilização de **agora** em textos narrativos do passado corresponde a uma transição do modo de enunciação propriamente narrativo para um modo em que o *narrativo* e o *experencial* se misturam e mutuamente se contaminam. É um pouco o mesmo que se verifica no chamado discurso indirecto livre, em que se misturam elementos do discurso relatado com outros do discurso citado; ou no chamado *presente histórico*, onde ocorre igualmente uma mudança de perspectiva temporal que tem por efeito a presentificação do pretérito.

3. A coocorrência de **agora** com advérbios ou locuções denotadores do futuro é um fenómeno que tem suscitado a atenção dos temporalistas. McCoard¹⁹, por exemplo, refere a estranheza de enunciados como:

- (14) **Now I shall go tomorrow.**

¹⁹ McCOARD, R. W. — *The English Perfect: Tense-Choice and Pragmatic Inferences*, Amsterdam, North-Holland, 1978.

Uma lógica temporal baseada nas propostas de H. Reichenbach²⁰, que, com diversos matizes, gozam de influência considerável nos estudos lógicos e linguísticos do tempo, não dá conta desta distribuição. De facto, «*now I shall go*» seria representado por uma fórmula do tipo *S, R-E* (em que *S* representa o tempo da enunciação, *R* o ponto de referência temporal denotado por **now** e *E* o intervalo correspondente à situação «*shall go*»). A fórmula correspondente a «*I shall go tomorrow*» seria *S-R, E* — incompatível, portanto, com a anterior.

Este facto é interpretado por McCoard como uma fraqueza teórica das teses reichenbachianas. Contudo, julgamos que outra explicação pode ser dada a casos como o do enunciado (14), que podemos encontrar igualmente em português:

- (15) *A CP está em greve. Agora tenho de ir amanhã de comboio, se quiser estar presente no Congresso.*

A razão de ser desta coocorrência prende-se simplesmente com o facto de **agora** não possuir neste caso valor temporal (pelo menos predominantemente), sendo antes um marcador pragmático de uma atitude ilocucional, pelo que está fora de questão atribuir-lhe uma descrição em termos de semântica do tempo. Tal como observámos no início, não podemos definir rigidamente dois tipos de usos deste advérbio, embora possamos considerar dois pólos numa escala correspondentes, de um lado, a valores temporais e, do outro, a usos pragmáticos, de entre os quais se destacam os argumentativos. Sem qualquer pretensão de exaustividade, sequer de grande sistematicidade, queremos nesta secção passar em revista alguns dos principais valores não temporais de **agora**, reservando a secção 4 para uma análise mais pormenorizada dos usos argumentativos.

3.1. Embora com valor temporal, podemos observar que em certos enunciados **agora** funciona principalmente como um instanciador de *ordem* no tempo:

²⁰ REICHENBACH, H. — *Elements of Symbolic Logic*, N. York, Macmillan, 1947.

- (16) *Já visitei o Brasil e os EUA. Agora chegou a vez de África.*
- (17) *Primeiro, a avaria do carro; depois, da máquina de roupa; e agora este problema com o seguro!*

Neste último enunciado vemos que é difícil separar o que constitui ordenação no tempo e ordenação numa escala de valores em que **agora** assinala, por exemplo, a transposição de uma média considerada aceitável. Eis um caso em que se verifica como facilmente se transita de uma escala temporal para uma escala de outros valores e propriedades. A relação com o tempo pode então ser mais ou menos remota, encontrando-se mesmo usos de **agora** praticamente esvaziados de sentido temporal.

3.2. Que em muitos casos este advérbio não é usado em valor temporal foi observado para o inglês por S. Greenbaum²¹, que, entre outros usos, constata o funcionamento de **now** como

*«an illative conjunct [...] which might be paraphrased 'since that is so', though temporal force is not entirely absent.»*²²

Isto é, **now**, tal como **again** ou **however**, por exemplo, «indicate some connection with what has been said before» — daí a designação de «*conjuncts*» a esta classe. A qualificação de «*illative*» é justificada pelo facto de palavras como **now** indicarem «that what is being said is a consequence or result of what has been said before.»²³

O mesmo se verifica com **agora**. Aliás, o facto de haver uma ampla equivalência nos usos não temporais de **agora**, de **now** e de **maintenant**, e provavelmente nos seus correlativos de outras línguas, evidencia que não estamos perante fenómenos linguísticos idiossincrásicos, antes face a funcionamentos cujas regularidades são susceptíveis

²¹ GREENBAUM, S. — *Studies in English Adverbial Usage*, Londres, Longman, 1969.

²² *Ibidem*, p. 73.

²³ *Ibidem*, p. 47.

de sistematização. De facto, este mesmo valor *ilativo* encontra-se em enunciados como o seguinte:

- (18) *Fumou durante vinte anos, agora tem sérios problemas brônquicos.*

Uma paráfrase possível de (18) seria (19):

- (19) *Fumou durante vinte anos, [pelo que/ consequentemente] tem sérios problemas brônquicos.*

Este sentido adquire facilmente valores caracteristicamente contrastivos, como nos seguintes exemplos:

- (20) *Cantaste, agora dança!*
(21) *Não trabalhou, agora queixa-se das notas.*

Ou valores ilocucionais diversos²¹, como o *admonitório*:

- (22) *Agora vê o que fazes!*
(23) *Não te esqueças agora do que te disse!*

Ou ainda um valor parapraxeável por «*deixa lá ver*», sugestivamente baptizado por Greenbaum como «*ruminative use*».

Um aspecto importante que Greenbaum aponta também é que «*now marks a transition in exposition*»²⁴. Também **agora** funciona como um marcador de transição no discurso, introduzindo um novo tópico no contexto conversacional:

- (24) *É verdade, o tempo tem estado horrível. Agora, com respeito ao tal negócio...*

3.3. F. Nef²⁵ estudou os valores temporais e não temporais de **maintenant**. Das suas observações interessa-nos sobretudo reter o que se prende com o funcionamento deste advérbio enquanto ope-

²⁴ *Ibidem*, p. 55.

²⁵ Cf. NEF, F. — *Maintenant1 et maintenant2: sémantique et pragmatique de 'maintenant' temporel et non-temporel*, in DAVID, J.; MARTIN, R. (eds.) — *La Notion d'Aspect*, Paris, Klincksieck, 1980, pp. 145-167. Igualmente NEF, F., *op. cit.*

rador de anulação de inferências decorrentes de premissas anteriores. Procuraremos demonstrar que **agora** tem, mais uma vez, uma grande semelhança de funcionamento relativamente ao seu correlativo francês.

Começemos por assinalar que **agora** pode cancelar uma *implicatura conversacional*, como nos seguintes exemplos:

(25) *Já sei que o director é o senhor. Agora, quem manda aqui?*

É o sentido implicado (o de que normalmente o director é quem manda) que o advérbio nega. Já no exemplo a seguir temos uma *negação de uma condicional*:

(26) *O senhor insiste em esperar pelo director? Pode esperar, agora ele hoje já não vem ao escritório.*²⁶

(27) *Se fosse rico, comprava-te o barco. Agora, infelizmente eu não sou rico.*

A este último enunciado corresponde a negação da premissa de uma implicação, que podemos representar da seguinte forma:²⁷

$$\begin{array}{l} (27') \quad p \longrightarrow q \\ \quad \quad \text{agora} \quad -p \\ \hline \quad \quad \therefore -q \end{array}$$

Ao introduzir uma premissa diferente, ou ao negar uma premissa anterior, procede-se assim a uma inversão da condicional, a que podem corresponder actos da fala de diverso tipo, como em (28):

(28) *Se insistires muito, não vais. Agora, se te calares imediatamente, a situação talvez mude.*

²⁶ Observe-se o valor concessivo que esta construção adquire, a que podemos fazer corresponder: «embora o senhor insista em esperar, ele já não vem ao escritório.»

²⁷ Devo a F. Oliveira a observação de que neste enunciado encontramos, se não uma contrafactual, pelo menos uma condicional problemática. **Agora** funciona como reforço da negação da premissa, provavelmente com o efeito pragmático (perlocutório) de eliminar qualquer dúvida que a respeito desta premissa o interlocutor pudesse ainda ter.

Finalmente, **agora** pode assinalar o que Nef (86) chama uma *rectificação ilocucional*, que define nos seguintes termos:

«*Le mécanisme général de la rectification illocutionnaire est le suivant: maintenant substitue à un act a un b*». ²⁸

É este valor que encontramos nos seguintes enunciados:

- (29) *A secretária manda dizer que o director não está. **Agora**, eu ouvi uma voz que me pareceu a dele há instantes.*
- (30) *Disseram-me que era um livro extraordinário; **agora**, eu já o li e não vi nada de especial.*

Nestes exemplos, **agora** impede que a proposição introduzida anteriormente se torne uma pressuposição da conversação. Além disto, assinala a distanciação do loquente relativamente ao conteúdo proposicional anterior (geralmente citado), num acto de recusa da herança de inferências criadas pelo contexto prévio. Não só descompromete o loquente face à verdade de uma proposição como fornece indicações ao alocutário no sentido de este a considerar provavelmente falsa (ou, pelo menos, pouco fidedigna).

4. Queremos considerar agora os usos deste advérbio em contextos caracteristicamente argumentativos. Muito do que observámos anteriormente, particularmente em 2.3, tem a ver com argumentação. No entanto, queremos introduzir alguns conceitos que nos ajudarão a descrever os usos argumentativos de **agora**.

4.1. C. Perelman (81) sublinha as diferenças entre *demonstração* e *argumentação*. Delas retemos duas: ao contrário da *demonstração*, que transfere uma propriedade objectiva (como a verdade) das premissas para a conclusão, a *argumentação* veicula a *adesão* (positiva ou negativa) às premissas; uma *demonstração* é correcta ou incorrecta, mas os argumentos podem ser avaliados em escalas (fracos/fortes, relevantes/ irrelevantes, p.ex.) de valor sempre controverso. Isto é, a lógica da *argumentação* é necessariamente dialógica e escalar («fuzzy»).

²⁸ Cf. NEF, F., *op. cit.*, p. 205.

²⁹ Cf. PERELMAN, C., *art. cit.*

No funcionamento de **agora** como retificador ilocucional verificámos que o loquente, ao asserir «**agora p**» se descompromete da verdade de p. Ao instruir o alocutário no sentido de este não aderir à verdade de p, estamos perante um valor argumentativo de **agora**. Que diferença entre «**agora p**» e, por exemplo, «**mas p**»? **Mas** é sem dúvida um operador argumentativo por excelência³⁰, funcionando fundamentalmente em réplicas de diverso tipo. Contudo, podemos conceber que **agora** possa ser preferido pelo loquente em circunstâncias em que este deseja estabelecer a refutação de forma mais subtil e mitigada, forma muitas vezes argumentativamente mais eficaz do que a réplica explícita que **mas** tende a veicular. Sendo assim, **agora** tem um funcionamento mais complexo do que **mas**, dado que exprime uma adesão parcial a p e simultaneamente a sua refutação. Um exemplo característico desta dupla função será um enunciado como o que se segue:

(31) *Compreendo perfeitamente o que queres dizer. Agora, tens de compreender que...*

Por isso **agora** é largamente utilizado em *discussões*, que L. Apostel³¹ define nos seguintes termos:

«A discussion is a collective action (rather: an interaction) bringing together preparatory actions of different actors with the purpose to make possible later collective or individual actions». ³²

Numa discussão, **agora** funciona quer como eliminador de inferências decorrentes de premissas previamente veiculadas (*réplica*), quer como introdutor de novos argumentos (*ataque*, entendido no sentido definido por Apostel: «An attack against a position is an action attempting to eliminate that position»³³).

³⁰ Cf. DUCROT, O., *op. cit.*

³¹ Cf. APOSTEL, L. — *Towards a General Theory of Argumentation*, in BARTH, E. M.; MARTENS, J. L. (eds.) — *Argumentation — Approaches to Theory Formation*, Amsterdam, John Benjamins, 1982, pp. 93-122.

³² *Ibidem*, pp. 104-5.

³³ *Ibidem*, p. 106.

4.2. É este valor argumentativo que nos permite associar **agora** a **ora**. Diacronicamente, aliás, essa ligação é conhecida, já que um e outro se originaram do mesmo lexema **hora** — como refere J. J. Nunes (75):

«Fenómeno idêntico deu-se com o mesmo vocábulo **hora**, precedido da preposição **ad**, que com ele se fundiu, vindo ambos a dar *aora [...] onde o actual **ora**.» (p. 64).
«A forma anterior desta palavra [**ora**] deve ter sido **aora**, que existiu no antigo castelhano e ainda existe no actual **ahora**.» (p. 344).

Os usos predominantes de **ora** são os interjectivos e argumentativos — cf. (32) e (33) — embora se possa ainda encontrar usado em sentido temporal — cf. (34):

- (32) **Ora!** *Todos sabem que tu és rico!*
 (33) *O médico disse que era urgente interná-lo. Ora todos sabemos que isso hoje é impossível.*
 (34) *Por ora, nada podemos fazer.*

De modo geral, podemos afirmar que **ora** se esvaziou praticamente de sentido temporal, especializando-se nos usos pragmáticos (ilocucionais e argumentativos) e autonomizando-se relativamente a **agora**. Seria talvez de esperar que **agora** se especializasse na referência dítica do tempo e abandonasse os valores mais marcadamente argumentativos para **ora**. Tal não aconteceu, como vemos, mas se em alguns casos os valores destas duas partículas tendem a sobrepor-se, noutros verificamos a sua complementaridade, reservando-se **ora** sobretudo para a expressão da conclusão ou da explicação, e sendo, talvez, mais habitual no código escrito do que o **agora** argumentativo, quase só usado em discurso conversacional.

4.3. Uma *discussão*, no sentido que lhe atribuímos em 4.1., possui uma estrutura própria. F. van Eemeren & R. Grootendorst³⁴

³⁴ EEMEREN, F. H. van; GROOTENDORST, R. — *Speech Acts in Argumentative Discussions*, Dordrecht, Foris, 1984.

distinguem os seguintes constituintes de uma discussão (simples ³⁵): (i) expressão de opinião (positiva, negativa, neutra — respectivamente +/0, -/0 e ϕ /0); (ii) disputa (definição dos papéis argumentativos de protagonista [P] e antagonista [A]); (iii) decisão de embarcar na discussão (expressão clara das opiniões em contradição (+/0, -/0); (iv) discussão (pró-argumentação e contra-argumentação do protagonista e do antagonista); (v) resolução da disputa (em favor de P ou de A, com resolução total ou apenas parcial, com retratação ou não por parte do que foi vencido).

Numa estrutura argumentativa assim definida, onde situar os valores (argumentativos) de **agora**? Cremos que esta partícula pode ser usada em quase todas as fases de uma discussão:

a — **Agora** pode ser usado por A:

a1 — Na fase da *disputa*, quando X se afirma como A.

a2 — Na fase da *decisão*, quando A expressa -/0.

b — Usado por P e A:

b1 — Na *discussão*, mais especificamente na contra-argumentação, em que P ataca -/0 e A ataca +/0.

b2 — Na *resolução* da disputa, designadamente na expressão de dúvidas ou reticências face à argumentação considerada vitoriosa (A/ P aceitam parcialmente +/0/ -/0).

Assim, o facto de encontrarmos **agora** utilizado em quase todas as fases de uma discussão evidencia a natureza amplamente argumentativa deste morfema.

5. Iniciámos a descrição da diversidade de valores de **agora** pelos usos temporais. Esta escolha não foi arbitrária, já que partimos da hipótese de que os valores temporais funcionam como primitivos a partir dos quais os não-temporais são derivados. De facto, a estruturação temporal é tão poderosa, quer de um ponto de vista ontológico quer cognitivo, que não é de estranhar que, linguisticamente, se transite facilmente de ordenações temporais para escalas de outra natureza. Será então de esperar que se manifestem analogias estruturais entre os usos temporais e não-temporais de **agora**, o que passamos a verificar.

³⁵ Estes autores consideram a existência de tipos simples e complexos de argumentação, podendo a complexa ser múltipla ou composta, e esta última ainda coordenativa ou subordinativa (*op. cit.*, p. 93 e *passim*).

5.1. Constatámos já (cf. 1) que este advérbio tem por função temporal básica a referência a *Ie*. De facto, o mecanismo dessa referência é complicado pela introdução de implicaturas relativas ao intervalo de tempo anterior a *Ie*, como se verifica pelos seguintes exemplos:

(35) *Estou satisfeito.*

(36) **Agora** *estou satisfeito.*

A diferença entre estes dois enunciados explica-se pelo facto de **agora p** possuir como implicatura $\sim p$ em $I < Ie$. Por outro lado, em predicados sem estrutura temporal propriamente dita, como os gnómicos, verifica-se a inaceitabilidade de **agora**:

(37) * **Agora** *o leão é um animal carnívoro.*

Podemos verificar um funcionamento implicatural análogo nos valores não temporais. F. Nef observa que

«**maintenant** agit sur quelque chose d'antérieur, soit temporellement, soit argumentativement.»³⁶

Esta referência a «quelque chose d'antérieur» verifica-se claramente nos usos *transicionais* de **agora** (cf. 3.2.), bem como nos argumentativos em geral. De facto, o uso argumentativo exige uma referência ao contexto prévio, tal que **agora** e é parafraseável por «com respeito ao enunciado *e1* que acaba de ser proferido afirmo *e2*» (sendo que *e2* constitui um *ataque* a *e1*).

5.2. Podemos também encontrar analogias no eixo dos valores argumentativos relativamente ao valor dístico de **agora**. Já fizemos notar que, cumulativamente à referência temporal, encontramos em muitos casos a expressão de uma *perspectiva* temporal (cf. 2.3.), em que 'deixis' do tempo e da pessoa se confundem. Se quisermos alargar essa referência de forma a englobar os usos não temporais de **agora** podemos afirmar que a função dística desde advérbio con-

³⁶ Cf. NEF, F., *op. cit.*, p. 36.

siste na sua referência à *actualidade*, não apenas à actualidade temporal mas também à actualidade contextual e discursiva de modo global.

A verificação destas homologias entre usos temporais e não temporais de **agora**, que julgamos observáveis noutros operadores temporais, verbais ou adverbiais, constitui uma evidência quanto às estreitas associações que se estabelecem na língua entre *tempo* e *argumentação* — um fecundo campo de investigação linguística a ser explorado.

Sérgio P. F. Matos